



SMAD, Revista Electrónica en Salud Mental,
Alcohol y Drogas
ISSN: 1806-6976
rev_smad@eerp.usp.br
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto
Brasil

Aragão Martins, Raul; Nogueira da Cruz, Luciana Ap.; Santos Teixeira, Patrícia; Manzato, Antônio José
Padrão de consumo de álcool entre estudantes do ensino médio de uma cidade do interior do estado de São Paulo
SMAD, Revista Electrónica en Salud Mental, Alcohol y Drogas, vol. 4, núm. 1, 2008
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=80340104>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

**SMAD**

Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas

ISSN: 1806-6976

Av. Bandeirantes, 3900, Ribeirão Preto/SP - Brasil | CEP: 14.040-902 | Telefone: 055-16-602-3477 | Fax: 055-16-602-4754



PADRÃO DE CONSUMO DE ÁLCOOL ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA CIDADE DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

**Raul Aragão Martins¹; Luciana Ap. Nogueira da Cruz²; Patrícia Santos Teixeira³;
Antônio José Manzato⁴**

Resumo

Esta pesquisa avalia o consumo de álcool entre 591 estudantes do ensino médio. Utilizou-se como instrumento de coleta dos dados dois testes: o Alcohol Use Disorders Identification Test – AUDIT e o Quantidade e Freqüência de uso de álcool no último mês, e também levantou-se o consumo de álcool entre os familiares. Resultados mostram que 22,3% dos estudantes pontuaram 8 ou mais no AUDIT, mostrando que fazem uso de risco para bebidas alcoólicas. O consumo é mais freqüente entre adolescentes do sexo masculino, que freqüentam as aulas no período noturno e não pertencem a nenhuma religião e, ainda, possuindo algum familiar que bebe excessivamente.

Palavras-chave: Alcoolismo, Adolescente, Educação Primária e Secundária.

PADRÓN DE CONSUMO DE ALCOHOL ENTRE ESTUDIANTES DE LA ENSEÑAZA MEDIA EN UNA CIUDAD DEL ESTADO DE SÃO PAULO

Resumen

Esta investigación evalúa el consumo de alcohol entre 591 estudiantes de la Enseñanza Media, fue empleado dos instrumentos de colecta de datos: *Alcohol Use Disorders Identification Test* – AUDIT y *Quantidade e Freqüência de uso de álcool no último mês*, además, observamos el consumo de alcohol entre los miembros familiares. Resultados demuestran que 22,3% de los estudiantes puntuaron 8 o más en el AUDIT, señalando el uso de riesgo de bebidas alcohólicas. El consumo es más frecuente entre adolescentes del sexo masculino, que frecuentan las clases de cursos nocturnos, que no pertenecen a ninguna religión y que poseen algún familiar que bebe en demasía.

Palabras clave: Alcoolismo, Adolescente, Educación Primaria y Secundaria.

ALCOHOL CONSUMPTION PATTERN AMONG HIGH SCHOOL STUDENTS OF AN INTERIOR CITY IN THE STATE OF SÃO PAULO - BRAZIL

Abstract

This research evaluates alcohol consumption among 591 high school students, using two data collection instruments: the Alcohol Use Disorders Identification Test – AUDIT and the Quantity and Frequency of alcohol use in the last month. We also considered alcohol consumption among family members. Results show that 22.3% of the students scored 8 or more points on the AUDIT test, indicating the risk use of alcoholic beverages. Consumption is more frequent among male participants, who study at night, are not part of any religions and have a relative who drinks too much.

Keywords: Alcoholism, Adolescent, Education primary and secondary.

¹ Instituto de Biociências e Ciências e Exatas da Universidade Estadual Paulista – IBILCE/UNESP; Livre-docente em Psicologia; e-mail: raul@ibilce.unesp.br

² Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – FFC/UNESP; Psicóloga, Mestre em Educação; e-mail: lunogcruz@yahoo.com.br

³ Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista – FCL/UNESP; Mestranda em Educação; e-mail: pateixeira@yahoo.com.br

⁴ Instituto de Biociências e Ciências e Exatas da Universidade Estadual Paulista – IBILCE/UNESP; Doutor em Ciências Biológicas; e-mail: manzato@ibilce.unesp.br

INTRODUÇÃO

O álcool é a droga de maior identidade entre o público adolescente e jovem e há fortes evidências de relação entre a violência e o seu uso. Estudo realizado em Curitiba, PR, indicou que 58,9% dos autores de crimes e 53,6% das vítimas de 130 processos de homicídios, ocorridos entre 1990 e 1995, na cidade, estavam sob efeito de bebida alcoólica no momento da ocorrência⁽¹⁾. Além dessa violência explícita, tem-se os acidentes automobilísticos, nos quais a circunstância de o motorista estar sob os efeitos do álcool é apontada como uma das principais causas de morte entre jovens de 16 a 20 anos de idade⁽²⁻³⁾. Em outros países, a realidade não é diferente, pois dados norte-americanos indicam que metade dos acidentes de carro em que há adolescentes envolvidos, está associada ao uso de álcool e de 45% a 50% dos corpos de adolescentes mortos de forma violenta apresentam níveis de alcoolemia elevados. O álcool também é responsável pela maior parte das mortes por afogamento, quedas fatais e disparos de armas⁽⁴⁾. Dados brasileiros mostram que o uso de substâncias psicoativas também está associado à atividade sexual precoce⁽⁵⁾ e a maior número de reprovações na escola⁽⁶⁾.

As consequências desastrosas provocadas pelo consumo de álcool entre a população adolescente e jovem têm chamado a atenção e levado pesquisadores de diversos países a estudarem sistematicamente tal assunto. No Brasil, as pesquisas ainda são recentes e em número reduzido, mas estudos que mostram os padrões de uso de drogas na população, de forma geral, e que indicam que os jovens começam a fazer uso de drogas lícitas (álcool e tabaco) e ilícitas (maconha, cocaína, *crack*) precocemente⁽⁷⁻⁹⁾. Abrangendo estudantes do ensino fundamental e médio (antigos 1º e 2º graus), há uma série de estudos epidemiológicos realizados em várias cidades brasileiras^(5, 10-13). Esses estudos apontam as características de uso de álcool entre os estudantes de nível fundamental e médio, tais como uso no ano variando de 75-85%, no mês em torno de 64% e, especificamente, em um estudo realizado em

Cuiabá, foi encontrada a média de 12,1 anos de idade (DP 3,6) de início do uso⁽¹³⁾. Esses números são elevados se comparados com as médias da população do Estado de São Paulo⁽¹⁴⁾. Consolidando esses índices, tem-se os resultados do primeiro levantamento nacional brasileiro sobre uso de substâncias psicoativas (SPA), realizado nas 107 maiores cidades, no ano 2001⁽²⁾. Nesse estudo foi detectado que 48,3% dos adolescentes (grupo com idade entre 12 e 17 anos) já fizeram uso de álcool na vida e 5,2% já são dependentes (6,9% do sexo masculino e 2,5% do feminino). Esses dados comprovam que o consumo excessivo de álcool entre o público jovem representa problema de saúde pública importante.

Procurando conhecer os padrões de consumo de álcool entre adolescentes do ensino médio público de uma cidade do interior do Estado de São Paulo, Brasil, este trabalho investigou o padrão de beber de estudantes que fazem uso de risco de álcool, as características sociodemográficas desses estudantes e a relação entre o beber de risco e ter um familiar que faz uso problemático de bebidas alcoólicas.

MÉTODO

Realizou-se estudo descritivo sobre o padrão de consumo de álcool com estudantes do ensino médio público de um município com cerca de 18 mil habitantes do interior de São Paulo, Brasil.

Participantes

Participaram do estudo 591 estudantes das três séries do ensino médio. Esse número representa 68% do total de alunos matriculados no ano 2004. Os estudantes estavam distribuídos pelas três séries da seguinte forma: 37,1% na primeira, 33,2% na segunda, e 29,8% na terceira série. Sendo que 54% freqüentavam as aulas no período diurno (manhã e tarde). A amostra contou com participação semelhante de ambos os gêneros, 47,4% de

homens e 52,6% de mulheres; e 86% deles eram adolescentes, e tinham entre 14 e 17 anos de idade ($M = 16$; $DP = 0,86$). Em termos socioeconômicos, de acordo com o critério ABA/ABIPEME⁽¹⁵⁾, mais da metade desses alunos estão nas classes C e D, com 61,3% dos alunos, seguido da classe C, com 32,8%, e classes A e B, com 6%. A religião predominante entre os alunos foi a católica, com 65,5% dos respondentes, seguida das evangélicas com 13,4% e espírita 3%. Desses alunos, 18,1% deixaram em branco a pergunta sobre religião ou declararam não tê-la.

Instrumentos e procedimento

Utilizou-se avaliação composta por questionário em que o participante se identifica, fornece dados sociodemográficos e três instrumentos relativos ao consumo de álcool: a) quatro questões sobre quantidade e freqüência do uso de álcool no último mês⁽¹⁶⁾, b) dez questões que compõem o AUDIT - Alcohol Use Disorders Identification Test⁽¹⁷⁾, adaptado para o Brasil⁽¹⁸⁾, c) duas questões para avaliar o histórico familiar sobre uso abusivo de bebidas alcoólicas⁽⁹⁾.

Os pesquisadores, inicialmente, entraram em contato com a direção da única escola de ensino médio no município escolhido para a realização da coleta de informações. À Direção foram apresentados os objetivos da pesquisa e solicitada permissão para a coleta de dados. Concedida a permissão, iniciou-se a coleta da seguinte forma: os pesquisadores entravam nas salas de aula, apresentavam-se aos alunos e professor durante o horário de aulas, explicavam a pesquisa, convidavam os alunos a participarem e, em seguida, entregavam o termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE, de acordo com a idade de cada aluno. Aos menores de 18 anos, foi orientado que pedissem autorização aos pais ou responsáveis e, para os alunos com 18 anos de idade ou mais e àqueles que eram emancipados foi pedido que assinassem o TCLE, caso concordassem em participar. Uma semana depois, os pesquisadores voltaram à escola para recolhimento dos TCLE, que já estavam com a coordenadora

pedagógica da escola, a quem os alunos tinham sido orientados a entregar o termo. Com os TCLE em mãos, deu-se início à aplicação do questionário, que foi feita de forma coletiva nas próprias salas de aula.

O levantamento, por meio dos instrumentos acima citados, identificou 22,3% dos alunos fazendo uso excessivo de álcool. Esse resultado permitiu a formação de dois grupos: os alunos que consomem mais de cinco doses semanais e pontuaram *escore* igual ou maior que 8 pontos no AUDIT foram classificados como positivos; os demais, alunos que pontuaram menos de oito no AUDIT, passaram a compor o grupo dos negativos, ou seja, os abstêmios ou que bebem moderadamente.

CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e recebeu aprovação em 23 de novembro de 2004.

RESULTADOS

Os instrumentos utilizados para avaliar o padrão de uso de bebidas alcoólicas possibilitaram identificar o número de estudantes que estavam fazendo uso elevado de álcool. Inicialmente serão apresentados os resultados do AUDIT e, posteriormente, os do Quantidade e Freqüência.

Resultados do AUDIT

Quanto ao consumo de bebidas alcoólicas, o AUDIT indicou que 22,3% dos estudantes somaram oito ou mais pontos, em outras palavras, aproximadamente um quarto dos participantes atingiu níveis elevados de consumo; essa conduta foi mais freqüente entre os

rapazes, pois 31,4% deles pontuaram oito ou mais no teste, enquanto que esse número foi de 14,1% entre as moças. O indicador “membro familiar que bebe” apontou 22,7% dos estudantes possuindo algum membro da família que bebe a ponto de causar problemas; desses, 7,7% indicaram o pai, e 13,3% outro membro da família.

Cruzando os grupos – positivo e negativo – por sexo, faixa etária, série, período de aula, nível socioeconômico e religião, foi possível conhecer as características dos estudantes que bebem excessivamente, ou seja, que pertencem ao grupo positivo. Também cruzou-se os grupos em relação àqueles que possuem algum membro familiar que bebe a ponto de causar problema e quem é esse familiar (pai, irmão ou outro).

Características do grupo positivo

Quanto ao sexo, os dados apontam que, entre os participantes positivos, 66,7% são rapazes. Pode-se dizer que os rapazes bebem consideravelmente mais do que as moças ($\chi^2 = 25,365$, $p < 0,001$). E 80% deles são adolescentes, com idade entre 14 e 17 anos; 32,6% são alunos da primeira série do ensino médio, sendo 37,9% da segunda e 29,5% da terceira série; 61,4% dos positivos são alunos do noturno. Esses resultados apontam que os alunos que freqüentam o período noturno bebem significativamente mais do que os alunos que freqüentam o período diurno ($\chi^2 = 16,099$, $p < 0,001$). Com relação ao nível socioeconômico, a maioria, 55,3%, pertence aos níveis D e E. Os dados referentes à religião apontam que 67,4% dos positivos são católicos, 4,5% são evangélicos, 3,8% são espíritas e 24,2% não responderam ao item religião ou não têm religião (Tabela 1).

Tabela 1 – Freqüência e porcentagem dos participantes positivos no AUDIT por sexo, série, período, religião e nível socioeconômico

	Positivos		Negativos		Total	
	f	%	F	%	f	%
Sexo						
Feminino	44	33,3	267	58,2	311	52,6
Masculino	88	66,7	192	41,8	280	47,4
Faixa etária						
Adolescente	104	80	399	87,7	503	86
Adulto	26	20	56	12,3	82	14
Série						
Primeira	43	32,6	176	38,3	219	37,1
Segunda	50	37,9	146	31,8	196	33,2
Terceira	39	29,5	137	29,8	176	29,8
Período						
Diurno	51	38,6	268	58,4	319	54
Noturno	81	61,4	191	41,6	272	46
NSE						
A+B	11	8,3	24	5,2	35	5,9
C	48	36,4	146	31,8	194	32,8
D+E	73	55,3	289	63	362	61,3
Religião						
Católica	89	67,4	298	64,9	387	65,5
Evangélica	6	4,5	73	15,9	79	13,4
Espírita	5	3,8	13	2,8	18	3
Não tem/em branco	32	24,2	75	16,3	107	18,1

Entre os alunos do grupo positivo, 28,8% tem algum familiar que bebeu a ponto de causar problema no último ano; entre os negativos, esse número é de 20,9%. Entre aqueles que responderam ter algum membro familiar que bebeu a ponto de causar problema, 7,6% dos positivos indicou o pai como sendo esse familiar, 3,1% o irmão e 19,1% outro familiar (Tabela 2).

Tabela 2 – Freqüência e porcentagem do resultado do AUDIT por grupo e se possui familiar que bebeu

	Positivos		Negativos		Total	
	f	%	f	%	f	%
Presença de familiar						
Não	94	71,2	363	79,1	457	77,3
Sim	38	28,8	96	20,9	134	22,7
Total	132	100	459	100	591	100
Familiar						
Nenhum	92	70,2	358	78,3	450	76,5
Pai	10	7,6	35	7,7	45	7,7
Irmão	4	3,1	11	2,4	15	2,6
Outro	25	19,1	53	11,6	78	13,3
Total	131	100	457	100	588	100

Quantidade e freqüência do beber no último mês

O instrumento que avalia a quantidade e a freqüência de consumo de álcool⁽¹⁶⁾ é composto por quatro questões que investigam o hábito de beber entre os participantes no período de 30 dias antecedentes à aplicação do instrumento. Foi perguntado aos participantes a quantidade de doses e a freqüência com que consumiu bebida alcoólica nos últimos 30 dias: do total de respondentes, 61,3% não beberam, enquanto que 30,8% consumiram de uma a quatro doses e 8% consumiram cinco ou mais doses. Quanto à freqüência: 27,1% beberam de uma a três vezes no mês, e 11,7% beberam mais de uma vez por semana. A média de consumo no mês foi entre uma e quatro doses para 31,5% dos respondentes e de cinco ou mais doses para 4,1% deles; e 21,2% fizeram *binge*, que se refere ao padrão de beber mais que cinco doses por ocasião.

Cruzando os dados dos grupos positivo e negativo com as categorias da avaliação Q_F, tem-se que 13,6% dos participantes do grupo positivo não beberam no mês precedente ao levantamento inicial, enquanto que 61,4% consumiu de uma a quatro doses e 25%

consumiu cinco ou mais doses. E, quanto à freqüência de consumo, 43,9% dos positivos beberam de uma a três vezes no mês e 42,4%, uma ou mais vezes por semana. Entre os positivos, 58,3% fizeram *binge*, ou seja, beberam cinco ou mais doses em uma única ocasião (Tabela 3).

Tabela 3 – Freqüência e porcentagem do número de doses, freqüência e *binge* do Q_F por grupo

	Positivos (N=132)		Negativos (N=459)		Total (N=591)	
	f	%	f	%	f	%
Nº de doses						
0 doses	18	13,6	344	74,9	362	61,3
1 a 4 doses	81	61,4	101	22	182	30,8
5 ou + doses	33	25	14	3,1	47	8
Freqüência						
Não bebeu	18	13,6	344	74,9	362	61,3
1 a 3 x mês	58	43,9	102	22,2	160	27,1
1 ou + semana	56	42,4	13	2,8	69	8
<i>Binge</i>	77	58,3	48	10,5	125	21,2

DISCUSSÃO

Com os instrumentos utilizados no presente estudo (AUDIT e Q_F), foi possível identificar o padrão, a quantidade e a freqüência de consumo de bebidas alcoólicas entre os estudantes do ensino médio público de um município de pequeno porte. Outros estudos foram realizados em cidades de médio e grande porte e indicam o padrão e a prevalência de consumo de álcool também entre estudantes do ensino médio^(6, 19-23). Porém, não há estudos em cidades de médio e pequeno porte mostrando a prevalência e padrão de consumo entre adolescentes, utilizando o AUDIT e o Q_F.

No presente estudo foi relativamente elevado o número de estudantes que apresentaram padrão de beber considerado de risco. O uso de risco pode ser entendido como aquele no qual a pessoa aumenta de forma considerável as suas chances de sofrer algum dano

físico, ou mental, ou de ocasioná-lo aos que o rodeiam. Considera-se uso nocivo quando a pessoa continua bebendo, apesar dos inúmeros problemas que surgem (sociais, familiares, ocupacionais, legais e mesmo físicos), porém, ainda sem doença cerebral⁽²⁴⁾. O AUDIT identificou 22,3% de estudantes apresentando beber de risco ou excessivo na população estudada. Em pesquisa semelhante, realizada em cidade de médio e grande porte, mostrando a prevalência e o padrão de consumo na região em que se deu o presente estudo, o teste identificou 17,9% de positivos⁽⁹⁾. Coloca-se, como hipóteses para o maior número de adolescentes bebendo em excesso, em cidade de pequeno porte, a escassez de atividades culturais e de lazer para essa faixa etária.

Notou-se que o consumo de álcool entre os estudantes das três séries do ensino médio foi equivalente. Em outras palavras, tanto os alunos da primeira, quanto os da segunda e terceira séries demonstraram padrão de consumo semelhante. Isso indica que o início do uso de álcool acontece ainda no ensino fundamental. Outros estudos chegaram a conclusões semelhantes sob esse aspecto^(6, 19-21). Esse dado alerta para a criação de programas de prevenção com alunos ainda no início do ensino fundamental.

Confirmando os resultados de outras pesquisas^(2-3, 6, 21), verificou-se que o consumo entre indivíduos do sexo masculino é significativamente maior do que o feminino. Mesmo assim, o consumo entre as mulheres também é preocupante, já que as propagandas comerciais de bebidas voltam-se cada vez mais para elas e, também, pelas diferenças biológicas e psicossociais que vulnerabilizam a mulher aos danos causados pelo consumo de álcool.

O nível socioeconômico não foi fator relevante em relação ao consumo de álcool entre a população estudada. Pesquisa realizada em Ribeirão Preto, SP, também chegou a resultado semelhante⁽²²⁾ e o *V Levantamento Nacional* concluiu que o uso de drogas, tanto lícitas quanto ilícitas, distribui-se regularmente por todas as classes socioeconômicas⁽²⁵⁾.

Os dados apontaram que, principalmente para o adolescente, pertencer a uma religião, sobretudo se for evangélica, diminui o risco de uso excessivo de álcool. Assim, pertencer a uma religião serve como fator protetor ao consumo de bebidas alcoólicas. Outros estudos também chegaram a tal resultado^(23, 25-27).

Um dos dados que mais chama atenção é o *binge*, ou beber se embriagando, conduta freqüente entre os estudantes. Cerca de 30% dos participantes consumiram bebidas alcoólicas uma ou mais vezes por semana e mais da metade dos positivos fizeram *binge*. Eles bebem ocasionalmente em eventos como festas de amigos, bailes e churrascos, mas, quando bebem, a quantidade consumida é elevada e em curto espaço de tempo. O ato de beber assume caráter lúdico, em algumas regiões chama-se “vira-vira”.

Uma característica dos alunos que bebem excessivamente é freqüentar as aulas no período noturno. Outros pesquisadores⁽⁶⁾ também verificaram tal característica em seus estudos. Supõe-se que a maioria dos alunos que estudam no período noturno têm atividades remuneradas durante o dia e, portanto, possuem seu próprio dinheiro. O fato de muitos ainda não terem que arcar com responsabilidades financeiras da família faz com que tenham dinheiro para gastar, entre outras coisas, com festas regadas a bebidas.

Outra característica entre os bebedores é possuir um familiar que faz uso excessivo de álcool. Aproximadamente 30% dos alunos positivos possuem algum parente com problemas relacionados à bebida. Estudo realizado com colegiais e universitários identificou o uso de álcool e outras drogas entre familiares ou a complacência desses quanto ao uso como fator de risco⁽²³⁾. Esse dado aponta o ambiente familiar com significativa influência na formação dos hábitos com relação ao consumo de bebida.

Em suma, conclui-se que estudar no período noturno, ser do sexo masculino, não ter religião e ter um membro familiar que faz uso problemático de álcool são fatores de risco para o uso excessivo de álcool.

O álcool, além de ser a droga mais consumida - cerca de 70% da população brasileira já experimentou bebidas alcoólicas pelo menos uma vez na vida, enquanto que esse percentual para maconha é de 7% e, para a cocaína, de 2%⁽²⁾ – é também a droga de maior custo social. De acordo com os dados do DATASUS de 2001, foram efetivadas 84 467 internações de pacientes para tratamento com problemas relacionados ao uso de álcool no país. O Sistema Único de Saúde – SUS - tem custo anual de 60 milhões de reais com esses pacientes⁽²⁸⁾.

Diante de tantos prejuízos, era de se esperar ações mais efetivas por parte da sociedade e do governo a fim de prevenir os danos causados pelo álcool. É nítida a necessidade de campanha, em nível nacional, como a antitabagista lançada pelo governo federal nos últimos anos. Com o álcool ainda não aconteceu campanha semelhante, de caráter preventivo e que ofereça informações sobre a melhor maneira de ingestão de bebidas alcoólicas, sem excesso e sem causar danos.

É certo que a maioria dos jovens que bebem pesadamente tende a parar de beber ou passa a beber moderadamente quando chega à fase adulta, sendo que apenas pequena proporção continua a beber em excesso. Mesmo assim, não deixa de ser preocupante a conduta de beber na adolescência, já que o bebedor está muito mais à mercê de condutas de risco do que aqueles que não têm esse hábito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Duarte PCAV, Carlini-Cotrin B. Álcool e violência: estudo dos processos de homicídio julgados nos Tribunais de Júri de Curitiba, PR, entre 1995 e 1998. J Bras Dep Quím. 2000; 1 (1): 17-25.
2. Carlini EA, Galduróz JCF, Noto AR, Nappo SA. I Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 107 maiores cidades do

- país - 2001. São Paulo: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID: Universidade Federal de São Paulo; 2002.
3. Gazal-Carvalho C, Carlini-Cotrin B, Silva AO, Sauaia N. Prevalência de alcoolemia em vítimas de causas externas admitidas em centro urbano de atenção ao trauma. Rev Saúde Pública. 2002; 36 (1): 47-54.
 4. Werner MJ, Adger Jr H. Early identification, screening, and brief intervention for adolescent alcohol use. Arch Pediatr Adolesc Med. 1995; 149 (11): 1241-8.
 5. Scivoletto S, Tsuji RK, Abdo CHN, Queiróz S, Andrade AG, Gattaz WF. Relação entre consumo de drogas e comportamento sexual de estudantes de 2º grau de São Paulo. Rev Bras Psiquiatr. 1999; 21 (2): 87-94.
 6. Tavares BF, Béria JU, Lima MS. Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. Rev Saúde Pública. São Paulo. 2001; 35 (2): 150-8.
 7. Cruz LAN. Uso de álcool e julgamento sócio-moral de estudantes do ensino médio. 2006. [Dissertação de Mestrado em Educação]. Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista; 2006.
 8. Martins RA, Manzato AJ, Cruz LAN. O uso de bebidas alcoólicas entre adolescentes. In: Castro LR, Correa J. Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais. Rio de Janeiro: FAPERJ; 2005. p.301-26.
 9. Martins RA. Uso de álcool, intervenção breve e julgamento sócio-moral em adolescentes que bebem excessivamente. 211 f. [Tese Livre-docênciia em Psicologia da Educação]. São José do Rio Preto: Instituto de Biociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista; 2006.

10. Carlini EA, Carlini-Cotrin B, Silva Filho AR, Barbosa MTS. II Levantamento nacional sobre o uso de psicotrópico por estudantes de 1º e 2º graus. São Paulo: CEBRID/Escola Paulista de Medicina; 1990.
11. Deitos FT, Santos RP, Pasqualotto AC, Segat FM, Guillande S, Benvegnu LA. Prevalência do consumo de tabaco, álcool e drogas ilícitas em estudantes de uma cidade de médio porte do Sul do Brasil. Informações Psiquiátricas. 1998; 17 (1):11-6.
12. Galduróz JCF, Almeida V, Carvalho VE, Carlini EA. III Levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras - 1993. São Paulo: CEBRID/Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina; 1994.
13. Souza DPO, Martins DTO. O perfil epidemiológico do uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus da rede estadual de ensino de Cuiabá, Brasil, 1995. Cad Saúde Pública 1998; 14 (2): 391-400.
14. Galduróz JCF, Noto AR, Nappo AS, Carlini EA. I Levantamento domiciliar nacional sobre uso de drogas psicotrópicas. Parte A: Estudo Envolvendo as 24 Maiores Cidades do Estado de São Paulo - 1999. São Paulo: CEBRID/Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina; 2000.
15. Almeida PM, Wickerhauser H. O critério ABA/ABIPEME: em busca de uma atualização. São Paulo: LPM/Burke e Marplan; 1991.
16. Dimeff LA, Baer JS, Kivlanhan DR, Marlatt GA. Alcoolismo entre estudantes universitários: uma abordagem de redução de danos. São Paulo: Editora Unesp; 2002.
17. Babor TF, Fuente JR, Saunders J, Grant M. AUDIT - The alcohol use disorders identification test: guidelines for use in primary health care. Genebra: World Health Organization/PAHO-92; 1992.

18. Méndez EB. Uma versão brasileira do AUDIT - Alcohol Use Disorders Identification Test. 1999. [Dissertação de Mestrado]. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas; 1999.
19. Baus J, Kupek E, Pires M. Prevalência e fatores de risco relacionados ao uso de drogas entre escolares. Rev Saúde Pública. 2002; 36 (1): 40-6.
20. Guimarães JL, Godinho PH, Cruz R, Kappan JI, Tosta LA. Junior. Consumo de drogas psicoativas por adolescentes escolares de Assis, SP. Rev Saúde Pública. 2004; 38 (1): 130-2.
21. Muza GM, Bettoli H, Muccillo G, Barbieri MA. Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP (Brasil). I – Prevalência do consumo por sexo, idade e tipo de substância. Rev Saúde Pública. 1997; 31 (1): 21-9.
22. Muza GM, Bettoli H, Muccillo G, Barbieri MA. Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP (Brasil). II – Distribuição do consumo por classes sociais. Rev Saúde Pública. 1997; 31 (2): 163-70.
23. Kerr-Corrêa F, Simão MO, Dalben I, Trinca LA, Ramos-Cerqueira ATA, Mendes AA, et al. Possíveis fatores de risco para o uso de álcool e drogas em estudantes universitários e colegiais da Unesp. J Bras Dep Quím. 2002; 3 (1): 32-41.
24. Datasus, CID 10. Datasus, Brasília, DF. [Acesso em 8 jun. 2006]. Disponível em URL: <http://www.datasus.gov.br/cid10/webhelp/cid10.htm>.
25. Galduróz JCF, Noto AR, Fonseca AM, Carlini EA. V Levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino nas 27 capitais brasileiras – 2004. São Paulo: CEBRID/Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina; 2005.

26. Dalgalarrodo P, Soldera MA, Corrêa Filho HR, Silva CAM. Religion and drug use by adolescents. Rev Bras Psiquiatr 2004; 26 (2): 82-90.
27. Patock-Peckham JA, Hutchinson GT, Cheong J, Nagoshi CT. Effect of religion and religiosity on alcohol use in a college student sample. Drug and Alcohol Dependence. 1998; 49: 81-8.
28. Ministério da Saúde (BR), Secretaria executiva, Secretaria de atenção à Saúde, Coordenação Nacional DST/AIDS. A política do ministério da saúde para a atenção integral a usuários de álcool e outras drogas. Brasília: Ministério da Saúde; 2003.

Recebido: 05/03/2007

Aprovado: 08/11/2007